

MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL*Débora Alves de Oliveira*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a musicalização na educação infantil, considerando a importância da música como parte da cultura e, portanto, como conhecimento a ser trabalhado no contexto da educação infantil. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, foi realizado um estágio numa escola de educação infantil da rede privada de Campinas durante 8 meses, no qual foi feito um acompanhamento direto das aulas de música desenvolvidas por uma professora "especialista", com turmas de 0 a 6 anos de idade. Inicialmente, no primeiro capítulo, "O que é musicalizar?", discuto o conceito de musicalização procurando relacioná-lo com o contexto escolar. Em seguida, no segundo capítulo, "O processo de musicalização", reflito sobre as possibilidades de trabalho para o desenvolvimento das aulas de música na educação infantil. No terceiro capítulo, "Vivência no estágio", relato as experiências vividas nas aulas de música, procurando mostrar exemplos das atividades desenvolvidas. Por fim, nas "Considerações finais", concluo este estudo enfatizando a importância do desenvolvimento de trabalhos em parceria no processo de musicalização na educação infantil.

Palavras-chaves: Musicalização na educação; Educação infantil; Processo de musicalização

Abstract: The present work has as objective to reflect on the musicalization in the basic education, considering the importance of music as part of the culture and, therefore, as knowledge to be worked in the context of the basic education. For in such a way, beyond the bibliographical research, a period of training in a school of basic education of the private network of Campinas during 8 months was carried through, in which was made a direct accompaniment of the lessons of music developed by a teacher "specialist", with groups of 0 the 6 years of age. Initially, in the first chapter, " What it is to musicalization?", I argue the musicalization concept looking for to relate it with the pertaining to school context. After that, in as the chapter, " the musicalização process ", I reflect on the possibilities of work for the development of the lessons of music in the infantile education. In the third chapter, " Experience in the period of training ", story the experiences lived in the music lessons, looking for to show examples of the developed activities. Finally, in the " Final Considerations ", I conclude this study emphasizing the importance of the development of works in partnership in the process of musicalization in the basic education

Key- words: Musicalization in the education; Basic education; Musicalization process

O QUE É MUSICALIZAR?

Musicalizar significa desenvolver o senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão, ritmo, “ouvido musical”, isso é, inseri-la no mundo musical, sonoro. O processo de musicalização tem como objetivo fazer com que a criança torne-se um ouvinte sensível de música, com um amplo universo sonoro.

Devemos ter em mente que o fim principal da musicalização é desenvolver a musicalidade que há na criança, pois a música faz parte da cultura humana e, por isso, todas as pessoas têm direito de acesso a ela. Não podemos, então, considerar a musicalização como “educação pela música”, que significa utilizar a música para desenvolver e aperfeiçoar outras áreas de conhecimento como a alfabetização, o raciocínio lógico matemático, a socialização, entre outras.

Acredito que o processo de musicalização deve acontecer na escola, pois “(...) sendo a Escola a instituição responsável pela formação cultural da criança, cabe a ela também proporcionar esse conhecimento (...)” (Silva, 1992, p. 92)

Então, é papel da escola incentivar as aulas de música e proporcionar condições para que elas aconteçam, desde a compra de instrumentos até um espaço favorável para a realização das aulas. A preferência é que haja uma sala destinada a essas aulas, na qual possam ser guardados os instrumentos e outros materiais necessários, que essa sala tenha espaço suficiente para os alunos movimentarem-se e esteja livre de sons externos que possam distrair os alunos.

De acordo com Snyders (1994), a escola deve proporcionar, além de preparação para o futuro, alegria para o presente, e esse é um dos papéis da música na escola. Esse autor trata, em seu livro, de

um ensino de música para jovens, afirmando a necessidade de um conhecimento musical prévio, preferencialmente que os alunos já toquem algum instrumento.

Penso que esse conhecimento prévio considerado necessário pelo autor tenha seu início na educação infantil e percorra também o ensino fundamental. Na educação infantil, os alunos poderão construir uma base para que aprendam a tocar um instrumento musical, pois a musicalização na educação infantil vai desenvolver nos alunos as noções básicas para se estudar um instrumento como, por exemplo, a noção de ritmo, altura, timbre, entre outros conhecimentos necessários para aprendizado de um instrumento musical.

Snyders (1994) não nega que, por se referir a alunos que já tenham conhecimentos musicais prévios, pode-se cair no elitismo, pois a maioria dos alunos das escolas públicas e que pertencem às classes populares não possuem condições financeiras para estudar um instrumento musical.

Um caminho que encontramos para amenizar esse problema é investir na musicalização durante a educação infantil, tanto em escolas públicas quanto privadas, para possibilitar que todos tenham acesso ao conhecimento musical pois, assim, trazemos a alegria para dentro da escola, como sugere Snyders (1994) e, ainda, amenizaremos o problema do elitismo que pode afastar alguns da música, fazendo-os considerar a música como um conhecimento para poucos.

Podemos dizer que o povo brasileiro traz em sua cultura um riquíssimo repertório musical com o qual tomamos contato desde que nascemos. Nesse sentido, o papel do ensino de música na educação deve ser o de proporcionar aos

alunos tanto um conhecimento mais aprofundado desse universo já conhecido, como o acesso a um universo desconhecido. E nessa relação conhecido/desconhecido buscar nossas significações para a música como arte.

Devemos acabar com o mito de que a música é uma arte destinada apenas para os grandes gênios, pois, segundo afirma Almeida (2001), se pensarmos em instrumentos e partituras, a música pode ser algo muito distante de nós, porém, não podemos nos esquecer de que temos a voz e podemos cantar. Acredito que devemos pensar assim para que possamos levar a música para dentro das nossas escolas e proporcionar esse conhecimento para nossos alunos.

O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO

No processo de musicalização, não podemos nos esquecer de que as crianças, quando brincam, usam sons espontaneamente, criam músicas, e essa atitude, se não é incentivada, tende a desaparecer com o tempo. Quando atingem uma certa idade, geralmente depois que vão para o ensino fundamental, por volta dos seis ou sete anos, as crianças passam a sentir vergonha de se expressar por meio de sons, pois a escola não incentiva essa prática. Ao contrário, prioriza o silêncio, o que faz com que as crianças cale-se, deixem de utilizar sons para se expressar. Portanto, não podemos dizer que a musicalização serve para transformar as crianças em seres musicais, apenas precisamos incentivá-las a continuar usando e criando sons.

A musicalização deve ser trabalhada de maneira lúdica. A criança deve sentir prazer em frequentar as aulas de música, usar a criatividade. Porém, precisamos tomar cuidado para que as crianças não considerem as aulas de música somente como divertimento, descontra-

ção, o que fará com que elas deixem de aceitar o direcionamento do professor.

A participação dos alunos é fundamental para o bom andamento do processo. Eles precisam participar de todas as atividades propostas, e por isso é importante que o processo seja lúdico. Os alunos precisam sentir envolver-se para participar. *“É aconselhável (...) que a música seja apresentada por meio de histórias, dramatizações, jogos e brincadeiras que motivem a participação”* (Silva, 1992, p. 93).

Devemos incentivar a participação dos alunos desde muito pequenos. Bebês com menos de dois anos de idade também são capazes de distinguir som e silêncio e, se dermos um instrumento nas mãos deles, eles saberão que, se você perguntar “cadê o som”, eles devem tocar o instrumento para ouvirem o som.

Penso que o processo de musicalização deve começar o mais cedo possível, tão logo as crianças iniciem na educação infantil (em creches e pré-escolas), porém, no início do processo, até os dois anos de idade, creio que a música deve fazer parte da rotina da sala, sendo trabalhada pela própria professora em diversos momentos, não havendo necessidade da presença de um "especialista" para as aulas de música, pois as crianças são muito pequenas e não conseguem estabelecer vínculos com o "especialista", que dá aula para eles durante vinte ou trinta minutos na semana. A partir dos dois anos, mesmo que haja a presença de um "especialista" na área, é necessária a presença da professora durante as aulas de música, pois mesmo as crianças já conseguindo estabelecer maiores vínculos e aprender alguns conceitos musicais como forte e fraco e ritmos simples, elas ainda estranham a presença de uma pessoa dando aula para elas apenas uma vez por semana, além

de ser importante um trabalho em parceria entre a professora e o "especialista" que, juntos, podem construir um trabalho muito mais rico do que trabalhando isoladamente.

Ao longo da educação infantil, devem ser trabalhados sons corporais, atenção, noção de ritmo e "ouvido musical". Os instrumentos podem ser usados inicialmente com todas as crianças tocando o mesmo instrumento, geralmente no início do processo de musicalização, para desenvolver a noção de ritmo nas crianças. Para crianças um pouco mais velhas, podemos dar mais instrumentos e organizar uma bandinha rítmica, de forma que cada instrumento toque em horas diferentes, podendo os instrumentos utilizados serem feitos pelas próprias crianças.

Durante as aulas, é necessário que haja um revezamento de instrumentos, para que todas as crianças possam ter contato com todos eles. As músicas podem ser cantigas de roda, que as crianças conhecem, para que elas cantem também. Outra sugestão é haver um instrumento solista (flauta, violino, piano) para acompanhar os instrumentos de percussão. Caso se opte por um instrumento solista, o instrumentista deve ser muito firme no ritmo, para não comprometer o grupo todo (Pereira, 1978).

Além da bandinha, existem outras atividades que podem ser feitas com as crianças no processo de musicalização. Podemos utilizar jogos nos quais podem ser criados sons e gestos. A expressão corporal faz parte do desenvolvimento rítmico das crianças e vai auxiliá-las a tocar na bandinha rítmica.

Outra prática que pode ser desenvolvida é o conto sonoro, isso é, uma história, na qual existem vários momentos em que são inseridos sons na narrativa. O professor pode contar a história e pedir

que os alunos produzam sons sempre que a narrativa parar (o professor também deve fazer os sons).

O professor de música deve apresentar aos seus alunos diferentes estilos musicais, desde música popular, folclórica e erudita, até as cantigas de roda. Tacuchian (1981) afirma que devemos trabalhar com músicas de várias culturas, mas priorizar sempre a música brasileira, que é muito rica histórica e culturalmente. Em relação às cantigas de roda, gostaria de destacar a riqueza de possibilidades de trabalho com essas atividades. De acordo com Rodrigues (apud Ayoub, 2000, p.56), as cantigas de roda, "(...) geralmente realizadas em círculo, além de todas as suas variações rítmicas, favorecem a participação de todos e o desenvolvimento de um sentido de grupo e de uma identidade cultural, que são reforçados pelas inter-relações que ocorrem durante o canto em conjunto". Na escola em que faço estágio, a Priscila (professora de música) trabalha muito com cantigas de roda conhecidas pelas crianças, pois são muito cantadas pelas professoras durante toda a semana. O trabalho com essas cantigas conhecidas pelas crianças possibilita que elas participem mais ativamente das aulas, cantando junto com a professora.

Segundo Almeida (2001), a cultura é um 'saber-fazer' e a escola tem sido um saber-usar, ou seja, algumas pessoas, que são poucas, fazem a cultura (as artes em geral, por exemplo) e a escola tem apenas executado mecanismos prontos, formando alunos acrílicos e que só sabem pensar mecanicamente. Essa é uma das causas da desqualificação do professor, que passa a ser considerado como um "*instrumentista desatualizado*". Tacuchian (1981) afirma que a função da educação artística na escola é justamente aproximar educação de cultura. Acredito que possamos tam-

bém considerar essa como sendo a função da musicalização na escola. Vemos, então, mais uma vez a importância da musicalização na educação infantil, colocar a criança em contato com a cultura artística/musical desde pequena.

É importante ressaltar que não é necessário levar músicas que estão em moda no rádio e na televisão, pois a esses estilos as crianças têm acesso em casa e, quase sempre, representam uma banalização da cultura. Devemos apresentar às crianças músicas diferentes, para que elas possam conhecer um repertório amplo, que não conheceriam fora do processo de musicalização.

De acordo com Almeida (2001), a cultura de massas é uma produção simples, sem dificuldades intelectuais, que não precisa de questionamentos. Estamos passando por um processo de banalização da cultura, pois vemos bons artistas e compositores sendo desprezados pela mídia, enquanto outros, com músicas sem qualidade e técnica, são exaltados pela mídia, fazendo grande sucesso e atraindo as massas, inclusive as crianças que passam a querer vestir-se e comportar-se como esses “artistas”. É muito grave vermos meninas usando sapatos de salto, maquiagem, enquanto meninos tingem o cabelo de loiro etc., e tudo isso com o consentimento a apoio dos pais.

As músicas que estão na mídia atualmente incentivam as crianças a se tornarem adultos precoces, pois apelam para a sexualidade, a violência e o preconceito (como o funk, por exemplo), entre outras coisas. E a escola, que na maioria das vezes não está atenta para fazer uma crítica à cultura massificada, acaba reforçando esses valores que estão sendo impostos pela mídia às nossas crianças. O problema é que com essa imposição da mídia, as crianças estão se tornando cada vez mais precoces, o que também afeta a escola, pois não sabe lidar com

essas novas situações e dúvidas das crianças que estão surgindo.

Penso que nós devemos incentivar as crianças a ouvirem músicas que façam parte do universo infantil. Existem muitos CDs que retratam isso e como bons exemplos podemos citar as cantigas de roda, que além de fazer parte da cultura, fazem parte também do universo infantil. Além das cantigas de roda, outras músicas infantis retratam o universo das crianças, incentivam a criatividade, as brincadeiras, que são necessárias no processo de desenvolvimento da criança. No entanto, não devemos restringir o nosso trabalho às músicas infantis, porque contamos com um vasto repertório musical de qualidade que pode ser conhecido pelas crianças.

Como a musicalização não tem o objetivo de formar grandes músicos, não podemos enfatizar os aspectos gráficos e de harmonia. Devemos incentivar a criatividade das crianças, pois, de acordo com Peixoto (1988), primeiro precisamos ampliar o universo sonoro das crianças, para só depois pensar na grafia musical, o que não caberia à educação infantil, pois, segundo Jeandot (1993, p. 21),

“(...) uma aprendizagem voltada apenas para os aspectos técnicos da música é inútil e até prejudicial, se ela não despertar o senso musical, não desenvolver a sensibilidade. Tem que formar na criança o musicista, que talvez não disponha de uma bagagem técnica ampla, mas será capaz de sentir, viver e apreciar a música”.

O trabalho com o corpo é fundamental, pois a criança dos zero aos seis anos expressa-se por meio de sons e gestos.

É necessário que o professor relacione a expressão corporal da criança com o trabalho musical. Ele pode, por exemplo, utilizar jogos que trabalhem com sons e gestos para que seu trabalho torne-se mais rico.

Podemos trabalhar, ainda, com os sons produzidos pelo corpo (palmas, pés, vocais), com objetos da sala de aula, de fora da sala. O professor pode gravar sons que ouve em casa, no dia-a-dia e trazer para os alunos identificarem, além de pedir para que os alunos tragam de casa objetos que produzam sons. Pode, ainda, pedir para os alunos imitam sons da natureza e dos animais.

As aulas de música devem ter atividades diferenciadas para garantir o envolvimento dos alunos durante a maior parte do tempo e, assim, possibilitar a realização de um bom trabalho. Podemos incluir em uma mesma aula: músicas para tocar, para dançar, para cantar, conto sonoro, entre outras atividades que o professor possa programar para as aulas de música. O importante é garantir a participação dos alunos na aula e, para que eles participem, é necessário diversificar as atividades, a fim de que a aula não se torne chata, desinteressante.

VIVÊNCIA NO ESTÁGIO

Meu estágio está sendo realizado em uma escola de educação infantil da rede privada de ensino da cidade de Campinas. Entrei em contato com a Priscila por meio da sua irmã, que também está sendo orientada pela professora Eliana Ayoub.

A Priscila prontificou-se a me receber e a solicitar permissão para que eu pudesse realizar o estágio na escola, o que foi aceito pela diretora sem problemas. Então, comecei a fazer o estágio em

abril deste ano, e combinei com a Priscila que continuarei até o final do ano acompanhando as aulas de música de várias turmas, com total abertura da professora para participar de todas as atividades.

As aulas de música das quais participo são muito dinâmicas. A professora procura fazer as crianças participarem de todas as atividades propostas, que são bem diversificadas. Na mesma aula, a Priscila trabalha com o corpo, com instrumentos, com a voz e toca músicas para que eles aprendam a cantar e fazer os gestos.

As aulas têm sempre um caráter lúdico, voltadas para o prazer e o envolvimento da criança. A Priscila procura fazer com que as crianças gostem de participar e elabora atividades que trabalham os conteúdos musicais de maneira divertida, muitas vezes utilizando brincadeiras. Uma das músicas que as crianças cantam na escola retrata bem essa dimensão lúdica das aulas, e a letra diz:

*"Nós vamos agora cantar,
cantar
Vamos cantar juntos, brin-
car, brincar
Cantando brincamos, vem
cá, vem cá
Brinca de cantar".*

Muitos conhecimentos musicais são trabalhados por meio de brincadeiras. Por exemplo: para trabalhar a diferença entre grave e agudo, a Priscila ensinou para as crianças a brincadeira “do coelhinho e do caçador”. Ela divide a sala em dois grupos, os coelhinhos e os caçadores, ficando cada grupo em um lado da sala. Quando ela toca notas agudas, os coelhinhos saem para passear e, quando toca notas graves, os caçadores têm de tentar pegar os coelhinhos. As crianças gostam muito dessa brincadei-

ra, trazendo bons resultados diante dos objetivos da professora.

Outra brincadeira utilizada pela Priscila com as crianças de 3 anos para o aprendizado do conceito de altura é feita da seguinte maneira: as crianças ficam todas abaixadas e eu toco uma escala no teclado. Conforme as notas ficam agudas, elas vão levantando, até ficar na ponta do pé. Depois eu vou descendo a escala e elas vão abaixando. Certo dia, quando cheguei na nota mais grave do teclado, todas as crianças estavam deitadas no chão, e uma aluna perguntou para a professora: "tia, por que o som caiu?". Esse trabalho dentro de uma abordagem "literal" do som também pode ser feito objetivando uma abordagem "não literal", em que se procura estimular diferentes interpretações corporais para os sons graves e agudos.

Outro ponto que percebi ser fundamental nas aulas de música é o trabalho com o corpo. Em todas as aulas, a Priscila toca pelo menos uma música para as crianças dançarem, muitas vezes seguindo a letra da mesma. Um exemplo de música utilizada é:

*“Ir na rua prá jogar amarelinha (nha)
Jogar bola na janela da vizinha (nha)
Correr, pular, brincar, é uma curtidão,
Melhor que ver televisão”.*

Há também uma atividade na qual os alunos movimentam-se por toda a escola: é o esconde-esconde com instrumentos. A Priscila divide a turma em dois grupos e dá um instrumento diferente para cada grupo, por exemplo: para um, o tambor e para o outro, o pandeiro. Então, a turma do tambor esconde-se em algum lugar da escola e a turma do pandeiro tem de procurar perguntando (e batendo o ritmo no instru-

mento) “cadê o tambor” e os alunos que estão escondidos respondem (também batendo o ritmo) “aqui”. Depois que são encontrados, invertem-se os papéis, os que estão com o pandeiro escondem-se e os que estavam com o tambor vão procurá-los.

As aulas nem sempre acontecem como a professora planeja. Muitas vezes, por causa da agitação dos alunos em algumas turmas, a Priscila não consegue alcançar seus objetivos. Existem vários casos de aulas em que a professora planeja o seu trabalho e não consegue realizá-lo porque os alunos ficam atrapalhando o desenvolvimento das atividades. Nesses casos, ela geralmente encerra a aula mais cedo.

Mas também existem dias em que os alunos estão interessados nas aulas. Geralmente nesses dias eles mostram que eles sabem muitas coisas que a professora ensinou e só não fizeram antes porque não estavam com vontade. Como exemplo, posso citar as músicas que são apresentadas na escola; muitas vezes eles não cantam durante os ensaios e, no último dia, mostram para a Priscila que eles aprenderam e só não cantaram antes porque não quiseram.

Um projeto elaborado pela professora este ano foi chamado de "soldadinhos da pátria", para ser apresentado no final do mês de setembro. Nesse projeto, ela ensaiou uma pequena apresentação musical com cada turma para apresentar para os pais, além de ensinar aos alunos como deveriam comportar-se durante o hino nacional. Ela até arrumou uma bandeira e deu um jeito de hasteá-la na praça durante a apresentação.

Fiquei impressionada ao ver o desenvolvimento rítmico da turma de três anos nos ensaios para essa apresentação. A Priscila propôs um instrumento para cada turma, e para essa, foram as claves

(dois pedaços de madeira que as crianças batem um no outro) e ensinou-os a tocar um ritmo determinado. Eles aprenderam tão bem que eu fiquei comovida. Para a turma do maternal (dois anos), o instrumento foi o chocalho e eles mostraram que aprenderam tocar e parar na hora certa.

Porém, houve um problema depois da apresentação, pois a diretora da escola disse que queria que todas as crianças tocassem ao mesmo tempo, o que seria impossível, pois a idéia era mostrar aos pais como está o desenvolvimento musical de cada turma, separadamente, e além disso, a Priscila não havia trabalhado uma apresentação conjunta com todas as turmas, devido a dificuldades próprias da idade das crianças.

Para a turma das crianças de um a dois anos, apesar da Priscila trabalhar com os instrumentos, o foco do seu trabalho está em ensinar as cantigas de roda, pois alguns estão aprendendo a falar e, quando ela canta, conseguem cantar o final das frases. O trabalho rítmico com eles centra-se no canto. No entanto, eles já conhecem o tambor e alguns já conseguem tocar forte e fraco.

Além disso, eles gostam muito de dançar e toda semana a Priscila leva pelo menos uma música para eles dançarem. Um dia desses, ela ensinou uma brincadeira de roda, a qual demorou para dar certo, pois os menores não queriam dar a mão para a criança que estava ao lado. Foi difícil fazê-los entender que para fazer a roda, todos tinham de estar de mãos dadas. Algumas vezes, nós tínhamos de juntar as mãos de algumas crianças porque elas soltavam e a que estava ao lado ficava brava porque tinha soltado e nós tínhamos de convencer a que tinha soltado a dar a mão novamente para o amigo. Mesmo assim, no final a roda deu certo e eles gostaram muito.

A escola geralmente não deixa a criança criar. Dá para ela tudo pronto, exatamente como deve ser feito, deixando de lado a imaginação. Creio que um dos papéis da aula de música, principalmente na educação infantil, seja incentivar a criatividade e a imaginação da criança. Na escola, podemos trabalhar com o conto sonoro, pois as histórias sempre mexem com a fantasia das crianças, e com músicas que os incentivem a usar a imaginação.

Como exemplo de música que incentiva a criatividade e a brincadeira, posso citar uma das músicas que as crianças mais gostam na escola em que faço estágio. Nessa música, elas cantam, pulam, fazem os gestos e, como fala de cowboy, muitas vezes elas pedem para a Priscila deixá-las ir até a sala pegar uma vassoura para fazer de cavalo, mas como não têm vassouras disponíveis para todas as crianças, elas dançam sem vassoura mesmo. A letra diz o seguinte:

*Bang, bang, bang, cowboy
Meu revólver de brinquedo
Não atira e não dói
Meu cavalo empina alto
Corre muito, dá um salto
Xih! Cai!*

Sempre que toca essa música, a Priscila deixa os alunos à vontade para dançarem do jeito que quiserem, e eles passam toda a música imitando cowboys e, mesmo sem vassoura disponível, eles pulam como se realmente estivessem andando de cavalo, e até a última frase, “caí”, eles fazem como se estivessem caindo de um cavalo. É muito interessante vê-los dançando essa música, que eles pedem para tocar todas as aulas.

Em relação ao conto sonoro, os que eles mais gostam são as histórias de bruxas, que eles sempre pedem para a professora contar. Outro dia, a Priscila levou um

teclado para a escola e contou uma história de bruxa para as crianças. Elas gostaram muito e, a partir daí, querem histórias em todas as aulas.

Nesse dia, ao invés de fazer os sons da história com a boca, a Priscila usou o teclado para fazer todos os sons que usou na história, mas mesmo assim, pedia para os alunos fazerem junto com o teclado. Esse trabalho ficou muito interessante.

As experiências vividas nesse estágio têm sido para mim um importante aprendizado como educadora e têm colaborado como inspiração para minhas reflexões sobre a musicalização na educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou gostando muito das aulas de música que tenho assistido, mas alguns pontos me incomodam. O principal deles é a falta de apoio da escola para essas aulas, pois apesar de proporcionar o acesso à música para todos os alunos, não há uma colaboração efetiva para o desenvolvimento do trabalho.

Um dos motivos que me levam a afirmar isso é a falta de um espaço adequado onde as aulas possam acontecer. No caso das aulas do berçário e do maternal, existe uma sala de música mas, na maioria das vezes, ela não é usada, pois é a sala na qual muitas crianças dormem. Por causa disso, cada dia as aulas são dadas em um lugar diferente, muitas vezes chegando a ser dadas na garagem, que é um lugar onde passam muitas pessoas, inclusive as crianças quando chegam, e a todo momento os alunos distraem-se.

Nas aulas das crianças de três a seis anos, a sala destinada para as aulas de música é sempre utilizada, porém, a sua localização não é adequada, pois de um

lado fica um salão onde as crianças tomam lanche, brincam, têm aula de culinária, ou seja, sempre tem uma turma ali fazendo barulho, o que distrai as crianças. Do outro lado dessa sala fica o parque, onde também sempre têm crianças passando, brincando e gritando, o que acaba tirando a atenção das turmas que estão tendo aula.

Outro ponto que atrapalha o andamento das aulas de música e, principalmente o planejamento da professora, são as apresentações em eventos comemorativos da escola: dia dos pais, das mães, festa junina, natal etc. Creio que é muito válido que as crianças façam apresentações para os pais assistirem, pois os pais gostam de ver seus filhos dançando, cantando e tocando algum instrumento e as crianças sentem-se felizes em mostrar aos pais o que estão aprendendo na escola. Porém, os ensaios acontecem todos no horário das aulas de música, o que dificulta o desenvolvimento do planejamento elaborado pela professora.

Penso que as apresentações de dança e canto podem ser ensaiadas também com as professoras de cada turma durante toda a semana, assim, a Priscila não passaria toda a sua aula ensaiando para essas apresentações. As músicas especiais que as crianças cantaram no dia dos pais e dia das mães foram gravadas em fitas para que as professoras pudessem aprender e ensaiar com as crianças, mas muitas vezes isso não acontecia, o que dificultou também o aprendizado das crianças menores, que de uma semana para a outra esqueciam a letra da música. Acredito que as apresentações precisem ser assumidas por toda a equipe pedagógica da escola e não somente pela área de música.

Tenho questionado-me muito sobre a presença do "especialista" na educação infantil. Será que é melhor que o "especialista" esteja mesmo nessas escolas,

muitas vezes sem estabelecer vínculos com as crianças e com as outras professoras? O que tenho percebido no estágio é que as crianças pensam que as aulas de música são apenas divertimento, um momento de descontração, enquanto muitas professoras consideram as aulas como um descanso, pois deixam as crianças com o "especialista" e aproveitam esse tempo para preparar as aulas ou terminar atividades que têm para fazer.

Penso que, nesse caso, a melhor forma de solucionar esse problema seria investir na formação dos professores, para que eles mesmos pudessem trabalhar com a música, entre tantas muitos conhecimentos, com seus alunos. Talvez assim o desenvolvimento das crianças nessas áreas específicas fosse maior, pois fica muito mais fácil realizar um trabalho quando se tem vínculo com as crianças.

O que eu percebi no estágio a esse respeito, é que as crianças maiores conseguem criar um vínculo melhor com o "especialista", apesar de muitas vezes elas excederem-se na bagunça. Mas as crianças muito pequenas não têm muita noção de que o "especialista" está ali como professor dela naquele momento, e estranham estar na sala com uma pessoa que não conhecem direito, sem a professora, o que acaba provocando choro na maioria das vezes.

Com relação a esse assunto, posso citar dois exemplos de experiências vividas no estágio: a primeira delas foi a volta das férias, quando cheguei para a primeira aula do semestre e, ao olharem para mim e para a professora de música, as crianças de um ano começaram a chorar, e quase que a professora não conseguiu dar aula aquele dia. Uma outra situação passou-se com a turma do pré, que um dia a Priscila precisou deixar-me sozinha com eles para terminar alguns preparativos para a apresen-

tação do dia dos pais, e as crianças não me respeitaram. Naquele contexto, não foi possível fazer o que a Priscila tinha me pedido porque eles não deixaram.

Acredito que a presença do "especialista" é considerada indispensável por muitos pais, que querem que seus filhos sejam "pequenos gênios", que saibam um pouco de tudo, e por muitas escolas, que conhecem a falta de preparo das professoras para trabalhar certos conhecimentos.

Entretanto, seria mais adequado que as próprias professoras tivessem preparo para trabalhar com a música na escola, mas como isso não ocorre, acredito que se faz necessário que as professoras pelo menos acompanhem essas aulas, que não deixem as crianças sozinhas com o "especialista", pois elas acabam ficando sem referências conhecidas dentro da sala de aula e assustam-se, o que geralmente acaba resultando em receios, bagunça e desrespeito dos alunos pelo professor "especialista".

Não descarto a validade da presença do "especialista" na educação infantil, ao contrário, penso que o trabalho pode tornar-se muito rico com isso, mas desde que seja feito em conjunto com as professoras. Sobre esse assunto, Ayoub (2001, p. 56) afirma que: "Reforçando a idéia da possibilidade de construirmos relações de **parceria**, de confiança, não hierarquizadas, entre diferentes profissionais que atuam na educação infantil, poderíamos pensar não mais em professoras(es) "generalistas" e "especialistas", mas em **professoras(es) de educação infantil** que, juntas(os), com as suas diversas especificidades de formação e atuação, irão compartilhar seus diferentes saberes docentes para a construção de projetos educativos **com as crianças**"

Finalizo este estudo ressaltando a importância da realização de trabalhos em parceria no processo de musicalização na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

AYOUB, E. Brincando com o ritmo na educação física. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 6, n. 34, p. 49-57, jul./ago. 2000.

_____. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl.4, p.53-60, 2001.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1993.

PEIXOTO, Valéria Ribeiro. Carta aos regentes corais. In FUNARTE (Org.). **Educação musical: textos de apoio**. 1988, p. 43-44.

PEREIRA, Nayde J. de. Alencar Sá. **Bandinha rítmica: organização e prática**. São Paulo: Ricordi, 1978.

TACUCHIAN, Ricardo. A música na educação como processo. In PEREIRA, Maria de Lourdes Mader (Org.). *A arte como processo na educação*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

SILVA, Leda Maria Giuffrida. A expressão musical para crianças de pré-escola. *Revista Idéias*. São Paulo: n. 10, p. 88-96, 1992.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

OBRAS CONSULTADAS

MAHLE, M. A. **Iniciação Musical**. Piracicaba: Irmãos Vitale, 1969.

MARZULLO, E. **Musicalização nas escolas: livro do professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, M. E. P. do. Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000, p. 99-112.

PINTO, Priscila Graner Silva. **Musicalização escolar: vivenciando a música erudita**. Campinas, 1998. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1998.

PROCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

Débora Alves de Oliveira
Pedagoga formada pela
Faculdade de Educação – UNICAMP